

JUVENTUDE RURAL E EMOÇÕES: FATORES SUBJETIVOS DE VALORIZAÇÃO DO CAMPO

Aline Barasuol
Sheila Maria Doula

1. INTRODUÇÃO

“O desprezo pelo rural e pelas profissões relacionadas a ele [...] empobrece enormemente a compreensão que nós temos do que é o Brasil” (MARTINS, 2013). Essa afirmação de José de Souza Martins infere uma pertinente reflexão, na qual se percebe uma reduzida e desvalorizada compreensão sociocultural do que venha a ser o “rural”. É inegável que historicamente se mantém um imaginário negativo a respeito do rural, percebendo-o em uma relação de subalternidade com o urbano (CASTRO, 2009). Aliás, ao homem do campo sempre foi atribuída a marca pejorativa de jeca tatu, matuto e caipira, uma noção simplista e inferior de quem não conseguiu progredir, se modernizar e nem mesmo vencer na vida (MENEZES, 2009).

Por outro lado, as grandes mídias de massa, principalmente a televisão, inspiram um olhar romântico e utópico que envolve esse espaço e seu estilo de vida. Isso se percebe em telenovelas e programas com enfoque no meio rural que, por um lado, idealizam esse espaço como harmônico, rústico e ingênuo e, por outro lado, como lugar moderno, tecnológico e arrojado. A constatação do espaço rural como “terra de oportunidade”, prosperidade e vigor particularmente atraente e vinculada aos jovens que ali podem ter acesso à renda, ao conforto e às tecnologias, contrasta de forma inequívoca com os estudos demográficos que vêm enfatizando a tendência à migração juvenil, à masculinização e ao envelhecimento da população do campo.

Tal contraste mostra que interpretações antagônicas sobre valorização, desvalorização e revalorização do mundo rural estão circulando na

sociedade brasileira e podem afetar as percepções que as populações rurais elaboram sobre si mesmas. À vista disso, pesquisadores como Elisa Guaraná de Castro, Anita Brumer, Maria de Assunção de Lima de Paulo, Maria José Carneiro, Valmir Luiz Stropasolas, Nilson Weisheimer, Rodrigo Kummer, entre outros, apontam para um conjunto de fatores influenciadores nos projetos futuros dos jovens, projetos estes que acabam sendo elaborados em função da cidade. De acordo com tais pesquisas, é válido ressaltar que um dos principais aspectos apontados nos estudos de juventude rural diz respeito “à tendência emigratória dos jovens, em grande parte justificada por uma visão relativamente negativa da atividade agrícola” (BRUMER, 2007, p. 36). Assim, é interessante a posição de Brumer (2007, p. 50), quando esta propõe “que em lugar de procurar responder à questão ‘por que os jovens saem do meio rural’ busque-se responder à questão ‘por que os jovens permanecem no meio rural’”. Esse questionamento, por parte da autora, revela a importância de se compreender profundamente a realidade onde o jovem rural está inserido, o que implica conhecer efetivamente o trabalho, as condições de vida e os aspectos subjetivos, ou seja, as representações dos próprios jovens.

Em relação a esse debate, prioriza-se e fundamenta-se nesta investigação o olhar para a subjetividade do jovem, entendendo as diversas relações por ele vivenciadas – consigo, com a família, com o meio e com o mundo (PAULO, 2011). Propõe-se a compreender aqui os aspectos subjetivos envolvidos na elaboração dos projetos futuros da juventude rural, considerando que a subjetividade está fundamentalmente correlacionada aos fatores emocionais (emoções e sentimentos) e às escalas valorativas que orientam a leitura juvenil sobre o mundo.

Para tanto, esta investigação está alicerçada no aporte teórico da Sociologia e da Antropologia das Emoções, um campo recente que vem se consolidando “na busca de situar as emoções como categoria central para se pensar a inter-relação entre indivíduo e sociedade” (KOURY, 2014, p. 841). Dessa forma, enfatiza-se aqui o processo relacional entre o indivíduo, a cultura e a sociedade, uma vez que as experiências sociais singulares são produtos desse processo, ou seja, é a partir das constantes e

contínuas interações sociais que “os conteúdos simbólicos e práticas culturais de contextos sociais específicos promovem, agenciam, permitem ou ponderam desta maneira, determinadas emoções, ao mesmo tempo em que negam, restringem ou impõem interditos a outras” (KOURY, 2009, p. 9). Sendo assim, este processo relacional é constituído por um conjunto de materiais simbólicos compartilhados socialmente.

Fundamentado nesse aporte teórico, priorizou-se o eixo de valorização positiva sobre o rural, identificando e visualizando a dinâmica das representações dos jovens que vivem nesse espaço. Cabe destacar que as representações estão intimamente ligadas aos processos cognitivos e às interações sociais dos indivíduos, pois se tratam de sistemas de interpretação que regem a relação do indivíduo com o mundo e com os outros, orientando dessa forma as condutas individuais e as comunicações sociais (JODELET, 2001). À vista disso, objetivou-se compreender as representações e emoções positivas sobre o rural contemporâneo que influenciam na elaboração dos projetos de vida dos jovens de Derrubadas/RS.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Para o alcance do objetivo proposto nesta investigação utilizou-se metodologia qualitativa do tipo exploratória, alicerçada na pesquisa bibliográfica, bem como na pesquisa de campo para a coleta de dados. Dessa forma, necessário foi traçar um caminho a ser percorrido, e para tanto, a pesquisa bibliográfica baseou-se nas teorias da Sociologia da Juventude, das Representações Sociais e da Sociologia e Antropologia das Emoções, além de trazer o ‘mundo rural’ como um grande eixo de análise. Já na pesquisa de campo, buscou-se a combinação de estratégias metodológicas para a coleta de dados envolvendo assim três intervenções principais com jovens voluntários: entrevista individual, construção individual de mapa do projeto de vida e grupo focal. A associação de tais recursos metodológicos foi fundamental, pois oportunizou maior descontração e confiança para que os jovens emitissem suas respostas, além de favorecer a confirmação dos dados na percepção dos silêncios e ruídos, nas expressões

faciais de cada jovem nos intervalos entre a pergunta e a resposta, principalmente quando provocados a desenhar suas projeções futuras na forma de mapas de trajetórias.

Destaca-se que as intervenções se deram com os mesmos jovens, formando assim um “grupo principal de análise”, sendo este composto por doze jovens rurais residentes no município de Derrubadas, localizado no noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Salientam-se os aspectos rurais de tal município, uma vez que o universo populacional envolve 3.190 habitantes, sendo que dessa totalidade aproximadamente 72% são residentes do meio rural, bem como cerca de 69% (453 jovens) da população jovem total também reside no meio rural (IBGE, 2010).

Além das três intervenções principais com o grupo pesquisado, observou-se também o cotidiano dos jovens, bem como outras atividades culturais do município, em especial os festejos da Semana Farroupilha (que acontece todo mês de setembro antecedendo o dia 20, popularmente conhecido como Dia do Gaúcho). A semana envolve desfiles retratando a história do estado, além de outras festividades, como a missa crioula (ritual religioso), o tradicional costelão (prato típico da culinária gaúcha), o preparo do chimarrão em locais públicos e os famosos “fandangos” (bailes animados com músicas típicas). Ademais, cabe indicar que em decorrência do contexto onde estão inseridos os jovens – Rio Grande do Sul – são utilizados em diversos momentos os termos *guria* para as jovens rurais/ moças e *guri* para os jovens rurais/rapazes, uma vez que os termos são culturalmente construídos como categorias classificatórias nativas.

3. RESULTADOS

Analisar o contexto histórico-cultural onde se encontra o lócus da pesquisa foi essencial para compreender esse *lugar*, que carrega o peso dos seus antepassados e se orgulha dos valores e tradições do seu “povo”, (re)significando anualmente os rituais que mantêm aceso o ideal de vida, passado de geração em geração. Não é só na Semana Farroupilha, com a representação da Chama Crioula e os eventos “típicos” que a população

sul-rio-grandense ritualiza as suas heranças históricas, é também, diariamente, no *'andar, vestir e falar da gurizada'*, e ainda, no frequente contato com a literatura, poesias e músicas tradicionalistas que os jovens gostam de ouvir, cantar e declamar.

Esta reprodução recorrente das heranças históricas e culturais ocorre diariamente no modo de vida de cada indivíduo; em especial, aqui se referindo à juventude, percebe-se tal influência nas suas identificações pessoais, coletivas e projeções futuras. A *gurizada* não tem vergonha em identificar-se como jovem rural (estereótipo muitas vezes relacionado a alguém “ignorante”, “atrasado” e que vive no “trabalho sujo”); pelo contrário, são firmes ao afirmar tal identificação. E quando não, são claros e sinceros para afirmar que desejam outras escolhas profissionais (que não na agropecuária), mas isso não impede ou exclui o fator de conviver no e com o campo.

Isso se deve à forte ligação subjetiva com a terra, com a paisagem, com a cultura, as relações de confiança e interconhecimento e com as próprias relações de trabalho, postas à vista pelos jovens da pesquisa. A relação positiva da *gurizada* com o meio rural e com o lugar onde vive não apareceu somente nas respostas emitidas, mas também na expressão, no modo de falar, nos suspiros, no olhar, nos silêncios e nos ruídos dos jovens, demonstrando o quanto *gostam* do seu modo de vida e de pertencerem ao *seu lugar*.

O *gostar* do meio rural está permeado por diversos aspectos subjetivos e envolve a experiência particular de vida de cada guri e guria. As representações positivas dos jovens rurais de Derrubadas estão ligadas à *saúde e saudável, liberdade e tranquilidade, natureza e ar puro* e ainda, *ao lugar onde se descarregam as energias ruins*. Assim, há uma valorização, bem como sentimentos positivos, por parte dos jovens em relação ao meio rural e ao lugar onde vivenciam isso, independente da condição financeira e da quantidade de terras que os jovens dispõem para o seu trabalho diário. Ainda, observa-se que paisagem e trabalho definem o ser gaúcho como culturalmente diferenciado (ênfase juvenil nos aspectos ligados ao tempo mais lento, ao ritmo das colheitas, ou a um tempo diferente do da cidade,

aos espaços abertos e à ausência da vigilância ou *invasão* muito próxima dos vizinhos).

Do mesmo modo, nos projetos futuros da *gurizada* foram evidenciados fatores subjetivos tanto nas projeções em longo prazo quanto no momento atual da pesquisa, indicando também emoções positivas envolvidas nessa fase de vida. Fazer o exercício de simplificar os sonhos da *gurizada* desenhados no papel, aqui nestas reflexões, chega a ser um processo doloroso, uma vez que não há como resumir histórias de vida e a abundância de aspectos encontrados que envolvem as trajetórias descritas e projetadas.

Todos os jovens, em seu ponto de partida desenhado nos mapas de trajetória, se veem de alguma forma vinculados ao meio rural e há nisso satisfação; igualmente, em seu ponto de chegada, todos almejam a melhora de vida pessoal e profissional, o que não exclui as relações com o rural ou a permanência no campo. Pelo fato de as representações estarem ligadas a certa responsabilidade de continuidade geracional, espera-se no meio rural, em especial ao olhar para a *gurizada* derrubadense, uma “adultez” precoce desse segmento para que assuma os negócios familiares ou que desempenhe funções específicas dentro da família, algo que por sua vez é típico quando o assunto é a sucessão rural, como apontam os estudos deste tema. Nesse sentido, percebe-se a forte influência dos princípios familiares e uma visão positiva dos valores passados de geração em geração, embora isso não minimize os conflitos geracionais presentes nas unidades de produção familiar.

Uma característica importante do lugar aonde os jovens residem diz respeito ao fato de não estar próximo geograficamente dos grandes centros urbanos. Tal aspecto, a julgar previamente, poderia interferir na qualificação profissional dos jovens rurais e estimulá-los a migrar. Esse não é o caso da *gurizada* entrevistada, que possui alto grau de escolaridade. Embora alguns tenham saído para “estudar fora” e depois tenham optado por voltar, os jovens têm acesso facilitado ao ensino superior mesmo permanecendo no meio rural e residindo com a família.

Tal fato influencia também no constante ir e vir juvenil, seja do meio rural para a sede do município, para outros municípios ou ainda para cida-

des maiores da região ou do estado para estudar, o que oportuniza conhecer e receber outros signos e significados presentes nos diferentes contextos (re)construindo e (re)significando assim o seu universo simbólico. Por esse prisma, pode-se inferir que os jovens assumem uma postura crítica e relativa das representações que lhes são transmitidas. Diferentemente do que “se espera academicamente”, a partir do que foi visto pelas pesquisas já realizadas, a mobilidade tanto espacial quanto simbólica dos jovens propicia a reafirmação dos seus valores e escolhas, indicando que se o jovem *tivesse que optar novamente por ficar ou não no campo, ele ficaria* (na resposta de Jovem entrevistado).

Outro fator relevante e que ainda está sendo ignorado pelo meio científico, mas que foi apontado como um problema nas trajetórias desenhadas pela *gurizada*, se refere à pressão dos fatores climáticos no meio rural. Esse aspecto imponderável é visto com certa negatividade, pois *estar à mercê do tempo* pode alterar os projetos juvenis, já que o retorno financeiro do trabalho depende de um fator não controlável (o clima). Cabe ao jovem aprender a administrar não só os recursos disponíveis materiais e concretos (como os envolvidos na produção agropecuária), mas também lidar com os aspectos imateriais e incontrolláveis (condições climáticas) e, além disso, seus aspectos pessoais subjetivos (o que sente e como sente em relação ao retorno e resultado obtido do trabalho).

A pesquisa mostra que a *gurizada* expressa uma diversidade de emoções e tal variedade se deve ao fato de os jovens terem tido total liberdade para acrescentarem as expressões que para eles (elas), melhor representavam seu sentimento. Assim, surgiram subjetividades vinculadas, uma vez que os jovens também tiveram certa dificuldade em se expressar por meio de uma emoção específica, necessitando argumentar o quê determinado tema representava e fazia-os sentir (descrevendo as sensações, assim como seu estado emocional e físico), para então traduzir isso em uma palavra (um sentimento único).

Em conformidade com o que já se apresentava no decorrer das análises dos projetos de vida da *gurizada*, além de uma valorização positiva sobre o meio rural, os jovens destacaram, igualmente, sentimentos posi-

tivos relacionados ao modo de vida e ao trabalho nesse espaço, majoritariamente em atividades agropecuárias. As principais emoções vinculadas ao campo foram alegria e prazer. E tais sentimentos foram reafirmados quando contrastados, por exemplo, quando os jovens planejavam se permaneceriam ou não no meio rural (nesse caso aparecem principalmente as emoções opostas de alegria e tristeza respectivamente). Ao observar as respostas, verifica-se que os vínculos afetivos se tornam explícitos e a forma como os participantes da pesquisa se expressam (o modo de falar, os suspiros, o olhar, os silêncios e os ruídos) quando se referem ao campo, ao meio rural e ao município onde vivem demonstra o *gostar* e o *apreço* da *gurizada* pelo seu modo de vida.

Assim, para a *gurizada* entrevistada, há culturalmente uma forte relação com a terra, com a paisagem, com a tradição e a identidade gaúcha, com as relações de confiança e interconhecimento e com as próprias relações de trabalho no presente; a partir do projeto de permanência no *lugar*, constata-se o desejo de preservar essas relações no futuro, não com uma fatalidade do ficar, mas como produto da reflexividade de jovens que já transitaram e podem transitar em outros espaços e estilos de vida.

4. REFLEXÕES FINAIS

As emoções e sentimentos humanos são sempre permeados pelo vivido e pelo cotidiano. Não seria diferente com os jovens rurais de Derrubadas, que projetaram seus sonhos e desejos embebidos de tudo aquilo que encontraram por onde já andaram e percorreram, em termos de distância e, em especial, ao sentido de suas relações. Os jovens não se imaginam em outro lugar que não o rural. Sentem-se parte do município onde quase todos nasceram e “se criaram”. Pelo que os jovens afirmam, Derrubadas é um município composto por uma *gurizada* que escolheu lá permanecer, não por obrigação ou por falta de opções.

Assim, pela observância do contexto histórico e cultural e da sua forte influência nas representações positivas que os jovens possuem em relação ao meio rural, é fundamental expor os limites desta investigação,

uma vez que se desenvolveu aqui um estudo de caso, necessitando dessa forma, muito cuidado ao inferir determinadas generalizações, que podem ser apenas teóricas e não empíricas e que não são aplicáveis em outros contextos juvenis e rurais. Nessa perspectiva, abre-se o horizonte de pesquisa sobre a juventude rural brasileira, em especial quando se observa a subjetividade dos jovens, pois aqui se direciona o olhar para assuntos ainda não discutidos. Entende-se que diversos aspectos estão atrelados a esta subjetividade e estes exigem um aprofundamento teórico e analítico ainda negligenciado, principalmente ao se refletir sobre as especificidades simbólicas do contexto em que o segmento juvenil está inserido, pois é neste que o jovem vivencia as relações cotidianas e compartilha seus valores e sentimentos.

Ainda sobre as limitações, é importante mencionar que tratar da subjetividade e dos sentimentos não é uma tarefa simples, pois as pessoas nem sempre se sentem à vontade para falar e se expor, principalmente quando se refere à população rural. Foi essencial considerar tais limites ao pensar e escolher o lócus desta pesquisa, sendo que este fator não se apresentou como um empecilho, nem mesmo uma dificuldade que compromettesse a investigação, em detrimento da proximidade da pesquisadora com os sujeitos e o lugar onde a pesquisa foi realizada. No entanto, cabe salientar que isto, para os jovens, não indicou o distanciamento que se propõe cientificamente para a pesquisadora, ao contrário, os informantes enxergavam-na apenas como uma jovem rural natural de Derrubadas, o que significou identificação com a categoria de “nativa”, permitindo dessa forma, o acesso a determinadas explicações, situações e respostas talvez não declaradas quando em contato com um pesquisador “de fora” e distante da realidade vivenciada pelos sujeitos da pesquisa, provocando naturalmente tal distanciamento.

Por fim, mas longe de ser o fim, como observado nesta pesquisa, há ainda uma fraca expressividade das temáticas aqui relacionadas. A fase incipiente dessa discussão na academia sugere uma gama variada de interfaces ainda abertas a pesquisas futuras. À vista disso, torna-se relevante recomendar também uma ampliação desta investigação considerando

outras populações, juventudes e contextos que possuam processos históricos-políticos-culturais distintos, pois assim será possível observar as diferentes influências nas escalas valorativas, bem como nas subjetividades e emoções dos sujeitos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUMER, Anita. A problemática dos jovens na pós-modernidade. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (Orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro, Mauad X, 2007.

CASTRO, Elisa Guaraná de et al. **Os jovens estão indo embora?** : Juventude rural e a construção de um ator político. Rio de Janeiro, Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2009. Disponível em: <http://www.iicabr.iica.org.br/wp-content/uploads/2014/03/jovensestaoindoembora.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades – Derrubadas/RS**. Disponível em: < <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=430632&search=rio-grande-do-sul|derrubadas> >. Acesso em: 11 de março 2015.

JODELET, D. As representações sociais. In: JODELET, D (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17-41

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Emoções, sociedade e cultura**: a categoria de análise como objeto de investigação na sociologia. Curitiba: Editora CRV, 2009.

_____. Pela consolidação da sociologia e da antropologia das emoções no Brasil. **Revista Sociedade e Estado**, v. 29, n. 3, p. 841-866, set./dez. 2014.

MARTINS, José de Souza. O desprezo pelo rural e pelas profissões relacionadas a ele empobrece a compreensão do que é o Brasil. **Entrevista. Jornal da UFV**, Viçosa, p.7, nº 1.453, jun./jul. 2013.

MENEZES, Isabela Gonçalves de. Enxada versus caneta: Educação como prerrogativa do urbano no imaginário de jovens rurais. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 3, n. 1 mai. 2009.

PAULO, Maria de Assunção Lima de. **Juventude Rural: Suas construções identitárias**. 1. ed. Recife, Editora Universitária: UFPE, 2011. 324p.

Agência Financiadora da Pesquisa: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

Banca: Sheila Maria Doula, Lillian Perdigão Caixêta Reis e Douglas Mansur da Silva.